

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

TOMO I — 3º TRIMESTRE DE 1839 — N. 3

PROGRAMMA

Sorteado na sessão de 4 de Fevereiro deste anno

«Se a introdução dos escravos africanos no Brazil emboraga a civilização dos nossos indígenas, dispensando-se-lhos o trabalho, que todo foi confiado a escravos negros. Neste caso qual é o prejuízo que se offre a favoura Brasileira?»

Desenvolvido na sessão de 18, pelo consigo J. da Cunha Barbosa, secretario perpetuo do Instituto

Antes de expender a minha opinião sobre este Programma, devo declarar, que não sou patrono da escravidão, nem dos indios, nem dos negros; e por isso considero a liberdade como um dos melhores instrumentos da civilização dos povos.

A Escriptura nos ensina que logo que no Egypto se abriu um mercado de homens, os irmãos de José se apoderaram dele, e o venderam a mercadores egypcios. A Historia tambem nos conta que, logo que na Asia e na Grecia se abriram mercados deste genero, a terra e o mar se cobriram de sultadores e de piratas, que preavam innocentes victimas, e traficavam sobre sua liberdade. Em qualquer parte em que o homem for reduzido a uma mercadoria, não haverá crime, que a cobiça não commetta, para augmeatar sua fortuna. A humanidade resente-se d'esses crimes; e o unico sentimento nobre, que resta a um desgraçado captivo, é o da sua perdida liberdade, que muitas vezes o atira de seus ferros a terríveis emprezas. Roma e outras nações nos offerecem infinitas provas d'esta verdade.

Lançando uma vista rapida sobre a escravidão, em que gemeram os indios do Brasil, desde a descoberta deste continente, até que leis mais humanas lhes quebrassem os ferros, acharemos a causa principal do retardamento da sua civilização na barbara cobiça, com que os portuguezes os caçavam como feras em suas mattas, para os empregar em duros trabalhos à sombra das missões, em que se lhes pregava a religião d'um Deos de paz, de liberdade e de docura. Os termos, em que foi

concebida a celebre Bulla do Papa Paulo III aos 9 de Julho de 1537, declarando os *indios da América homens rationaes e libertos*, manifestam, não tanto a crassa ignorancia dos hespanhóes conquistadores do Mexico e Peru, como a barbaridade, com que tratavam esses indios, formando de suas carnes açouques publicos para sustentação de seus cães. Os maiores excessos de crueldades a que os indios se entregavam, eram represalias pela crueldades que soffriam, servindo mais á conquista da America de extinguir, em poucos annos, milhões de seus habitantes, do que de civilisa-los pelas santas maximas do christianismo. O grande padre Vieira na informação que deu a El-Rei, em 31 de Julho de 1678, diz com bastante experiença, adquirida na missão do Brazil, o seguinte, que bem aclara o que tenho avançado:— «Sendo o Maranhão conquistado no anno de 1615, havendo achado os portuguezes d'esta cidade de S. Luiz até o Gurupi mais de quinhentas povoações de indios, todas muito numerosas, e algumas d'ellas tanto, que deitavam quatro e cinco mil arcos, quando eu cheguei ao Maranhão, que foi no anno de 1652, tudo isto estava despovoado, consumido e reduzido a mui poucas aldeotas, de todas as quaes não pôde André Vidal ajuntar oitocentos indios de armas; e toda aquella imensidade de gente se acabou, ou nós a acabamos em pouco mais de trinta annos, sendo constante estimação dos mesmos conquistadores, que depois de sua entrada até aquelle tempo eram mortos dos ditos indios mais de dois milhões de almas, d'onde se deve notar muito duas cousas: A primeira, que todos estes indios eram naturaes d'aquellas mesmas terras, onde os achamos; com que se não pôde attribuir tanta mortandade á mudança e diferença do clima, senão ao excessivo, desacostumado trabalho e á oppresão com que eram tratados: A segunda, que n'este mesmo tempo estando os sertões abertos e fazendo-se continuas entradas nelles, foram também infinitos os captivos, com que se enchem as casas e as fazendas dos portuguezes; e tudo se consumiu em tão poucos annos.

A causa unica e original de toda esta destruição e miseria, não foi, nem é outra que a insaciavel cobiça e impiedade d'aquelles moradores, e dos que lá os vão governar; e ainda de muitos ecclesiasticos, que sem sciencia, nem consciencia, julgavam licitas estas tyrannias, ou as executavam, como se o fossem, não valendo a muitos dos tristes indios o serem já christos, ou vassallos do mesmo Rei, para não lhes assaltarem em suas aldeias, e os trazerem inteiramente captivos, sem mais direito (como eu ouvi aos mesmos capitães d'aquellas tropas), que o de poderem mais qua elles.»

O padre Vieira usou, nesta informação a El-Rei, de toda a eloquencia e força de raciocinio, que lhe era mui propria, para defender a liberdade dos indios, ou reviver a execução de leis anteriores a este respeito. Mas foi tal o seu zélo nesta parte, que esquecido de que a escravidão obstava a civilisação dos indigenas, foi de parecer, que o governo introduzisse, nos Estados do Grão-Pará e Maranhão, escravos negros, que se ocupassem

dos trabalhos da laboura e outras fabricas, para os quaes já faltavam indios.

Assim o eloquente e apostolico missionario, offereceu novo embaraço à civilisação dos seus convertidos, querendo que se transpôrtassem os barbaros africanos, que vieram tambem lavrar as terras do Brazil como bestas de carga, passando-se a elles a cubija dos desalmados portuguezes (*).

No voto, que o padre Vieira tambem deu (datado da Bahia a 12 de Julho de 1604), sobre as duvidas dos moradores de S. Paulo, acerca da administração dos indios, expressa-se o dito padre com bastante calor em prol da liberdade dos indios. Nem vos seja pesado que eu vos faça alguns extractos deste excelente documento para nossa Historia, escrito por um homem tão circumspecto, e tão versado nas cousas do Brazil. — «São pois os indios (diz elle no principio de seu voto), aquelles que, vivendo livres e senhores naturaes das suas terras, foram arrancados d'ellas por summa violencia e tyrannia, e trazidos em ferros com a残酷 que o mundo sabe, morrendo natural e violentamente muitos nos caminhos de muitas legoas, ate chegarem as terras de S. Paulo, onde os moradores dellas (que d'aqui por diante chamaremos Paulistas), ou os vendiam, ou se serviam e se servem d'elles como escravos. Esta é a injustica, esta a miseria, este o estado presente, e isto o que são os indios em S. Paulo.»

Depois continua elle d'este modo, fallando da obrigação, em que pretendiam ficar os administradores, de dar ao indio o sustento, o vestido, a cura nas enfermidades e a doutrina, e qualquer outra causa, ou mimo dado de tempo em tempo no decurso do anno — «O que aqui se chama alguma causa, significa causa pouca e incerta, sendo que a paga deve ser certa e deter-

(*) Não nos será preciso procurar na Historia as épocas, em que foram introduzidos, nas diversas capitâncias do novo continente, os escravos africanos; mas sabe-se, pelo que escreve Berredo, nos «Annaes do Grão-Pará e Maranhão», que no anno de 1683 o povo abi se amatinara contra os administradores da companhia autorizada pelo governo, porque de 500 negros da Costa d'Africa, pela taxa ajustada de 100\$ rs., cada cabeça, que se obrigaram a meter todos os annos em uma e outra capitânia, caminhando-se já para o segundo de seu estabelecimento, nenhum até então se tinha visto nellas. D'isto se collige, que ja era grande a falta de indios, que costumavam empregar em seus trabalhos, ate porque se os podesssem haver a 48 rs., como sempre os compravam, de certo se não sujeitariam a paga-los por 100\$ rs., cada um dos 500, que a companhia se obrigara a introduzir; e muito menos se revoltariam contra os seus monopolistas, porque nem um só haviam introduzido, sendo aliás obrigados a isso pelo contracto aprovado pelo governo (*).

(*) Em 1583 lavrou-se nesta cidade do Rio de Janeiro um auto de avença, que Salvador Correa de Sá, como governador e provedor da fazenda real, fez com João Guterres Valleria, obrigando-se este a pagar certa quantia por cada escravo, que de Africa condonisse no seu navio.

minada, ou taxada pela lei, ou pela convenção do trabalhador com quem o aluga.

A razão, a escusa, que se dá de ser esta chamada paga tão rara, e tão tenue, é ser os índios naturalmente propensos, e de pouco trabalho; mas as pessoas muito praticas d'aquela terra, e muito fideliadas, afirmam que os Paulistas geralmente se servem dos ditos índios de pela manhã até noite, como o fazem os negros do Brazil, e que nas caídas de S. Paulo a Santos não só vão carregados como homens, mas sobre-carregados como aze-molas, quasi todos nus ou cingidos com um trapo, e com uma espiga de milho para ração de cada dia.»

Accresce o deshumano procedimento, que por esses tempos tinham os Paulistas para com os miseráveis índios; e em prova disso citarei ainda o mesmo padre Vieira, quando diz: — «E quando menos se não devem esquecer (os administradores) das muitas mil almas, que trouxeram de suas reduções do Paraguay, onde todos eram christãos, e os vieram seguindo, como seus pastores, o padre Simão Maceta, e o padre Justo Manzella, e procuravam no governo da Bahia a sua restituição e liberdade, mas sem efeito. E do mesmo lote eram aqueles que cercados em uma grande igreja, em dia de festa, os metteram em correntes, matando à espingarda o seu pároco, porque os quiz defender, e outros muitos deste gênero.» — Desprezavam-se, ou illudiam-se d'est'arte as beneficas leis, promulgadas pelos monarcas D. Manoel, D. João III, D. Filipe II, D. Filipe IV e pelo príncipe regente D. Pedro, nos annos de 1570, 1587, 1595, 1609, 1611, 1647 e 1655, declarando todos que se devia conservar a liberdade dos índios; e porque algumas permittiam o captivoio em guerras, que fossem bem fundadas, decidiu afinal a lei promulgada por D. Filipe II, que, sem interpretação alguma ficassem libertos todos os índios, assim baptizados como por baptizar, ainda que tivessem sido comprados, cujas vendas annullava, até mesmo as que fossem julgadas por sentença, por ser contra o direito natural. Mas estava reservado ao Sr. Rei D. José e ao seu grande ministro Pombal, o descarregar o decidido golpe sobre tanta abusos pela lei de 8 de Maio de 1758; e já nessa época imponentes tribus estavam inteiramente destruídas, cessaram, sim, os Portuguezes de penetrar os sertões em busca dos índios para os escravizar; e voltaram-s' ao tráfico dos miseráveis africanos, que empregaram em seus trabalhos com igual barbaridade.

Resulta de tudo isto, que a escravidão foi um forte embraço à civilização dos índios; pois que elles, segundo o testemunho do mesmo padre Vieira, só fugiam da catechese por medo da escravidão, e desconfiados da falta do cumprimento de promessas, que se lhes faziam. Ainda assim mesmo algum progresso teria a sua civilização, se continuassem as missões; porém, estas affrouxaram com a expulsão dos Jesuítas e acabaram de todo, com a maior introdução no Brazil dos escravos africanos. Parece que a catechese era sustentada pela cobiça de homens, que à sua sombra capturavam os índios; e esta

mesma cobiça, empregando-se em transportar africanos, esqueceu-se de todo da civilização dos indios. Como somos de opinião que só pela catechese se podem desentranhar os indígenas de suas matas, e trazê-los nos primeiros caminhos da civilização, cremos, por isso mesmo, que a introdução dos negros é um grande obstáculo a essa empreza.

O padre Jesuita, Manoel da Nobrega, que viera com Thomé de Souza, para fundar o Collegio de Jesus na nova cidade da Bahia, e que ahi chegara a 29 de Março de 1549, pouco tempo depois da fundação d'essa primeira metrópole do Brazil, escrevia ao padre Preposito do collegio de S. Antão em Lisboa muitas queixas sobre a mistura de negros e negras na nova povoação; dizendo que assim se inoculava no Brazil o fatal cancro da escravatura, fonte de imoralidade e de ruina. Sabe-se além d'isto que os negros eram para ali enviados da Africa, afim de se darem aos soldados, descontando-se o seu valor pelos seus soldos.

A experiência nos mostra, que os indios são aptos para todos os trabalhos, a que se appliquem, ou em terra, ou nos rios e mares. O que hoje fazem os negros, elles o faziam, posto que violentados, e por isso mesmo sem proveito de seu adiantamento. Parece que o primeiro cuidado, que deveríamos ter, para os fazer passar do estado nomade, em que vivem quasi todos, para o de pastor e agricultor, deveria ser convertê-los à religião christã, e crear nelles certas necessidades, que os obrigassem a pequenos trabalhos, com que houvessem os objectos então necessários. Este commercio seria de certo um de seus mais fortes vínculos sociaes; e ainda que seja mui difícil crear novos hábitos em homens totalmente filhos da Natureza, todavia esses hábitos iriam nascendo em seus filhos, aperfeiçoando-se pela nossa communication, e avigorando-se pelo correr dos tempos. Se este sistema não fosse interrompido pelas causas, que temos apontado, veríamos ainda existentes muitas povoações indígenas, que de todo se extinguiram. As gerações d'esses, que os Jesuitas principiaram a civilisar, pugnando tanto pela sua liberdade, e contra o máo tratamento, que se lhes dava, hoje estariam crescidas e civilisadas, a ponto de servirem por estipendio em nossos campos. Em alguns lugares do Brazil, os indios, em tempo opportuno, descem de suas brenhas para fazerem as nossas derrubadas, a troco de algumas generos, que precisam. Não ha muitos annos, que no distrito de Canta-gallo apareciam no tempo das derrubadas os indios dos sertões da Pomba, oferecendo os seus serviços aos fazendeiros, que d'elles se aproveitavam, prezendo ajustes. De uma vez se lhes comunicou a baxiga, em um rancho publico de uns negros novos, que por ahi se mandavam a Minas. Foi tal o seu horror, feridos d'esse mal, que arriaram carreira, deixando alguns mortos pela estrada, e nunca mais voltaram. Lembramos este facto para provarmos que elles não são tão avessos ao trabalho, como os pretendem pintar os patronos da escravidão africana, e para que se veja que se forem removidas certas causas do seu

horror e desconfiança; se fôrem bem tratados cumprindo-se fielmente as convenções, que com elles se fizerem; se fôrem docemente chamados a um commerce vantajoso e a uma communicação civilisadora, teremos, senão nos que hoje existem habituados á sua vida nomade, ao menos em seus filhos e em seus netos, uma classe trabalhadora, que nos dispense a dos Africanos.

Talvez não seja mui longe da verdade o dizer-se, que os nossos lavradores, acostumados a servirem-se de escravos como de machinas, voltaram-se para os negros, quando não tiveram mais indios, que empregassem como força bruta. Os pobres negros, fôra do seu paiz natal, são menos aptos aos nossos trabalhos, do que os indios; e o beneficio da liberdade, que elles receberam, depois de tantas leis que ficam citadas, tornou-se de pouco ou de nenhum fructo pela falta de catechese, e de um sistema bem concertado de civilisação. A necessidade de trabalhadores obrigaría os fazendeiros a ser mais humanos com os indios livres, se lhes não tivesse sido facil comprar negros para os substituir em suas lavouras. Os negros, portanto, servem de embaraço á civilisação dos indios; o o que mais é, servem não pouco de retardar a nossa propria civilisação, o que deixo de tratar, por não ser d'este programma.

Qual seja, porém, o prejuizo, que sofre a lavoura brasileira, entregue a braços de escravos, é facil de conjecturar-se pela pouca perfeição e adiantamento, que sempre se encontra em trabalhos forçados. Um celebre economista inglez demonstrou quanto atrazada foi sempre a industria na Europa, enquanto parecia exclusiva de trabalhadores escravos. Cessaram estes, e a intelligencia humana voou a uma esphera mais clara, e as riquezas se desembaraçaram em muitos canaes, até então ignorados. Confessamos que os grillões de uma miseravel rotina nos embarga na carreira dos progressos industriaes, que a tantos povos tem felicitado; e não queremos ver na escravatura africana um grande instrumento d'essa detestavel rotina. Mas quando quizessemos, ainda por outro lado, provar o grande prejuizo, que sofre a nossa lavoura, trabalhada por negros, lembrariamo os immensos capitais que se perdem na sua compra; capitais, que poderiam ser melhor empregados, usando-se de braços livres, e sem o menor risco pela morte dos trabalhadores.

Do que temos expendido colhe-se com bastante clareza, que a escravidão dos indios embaraçou muito a sua civilisação; que a dos negros torna infructifera a liberdade, a que foram restituídos pelas leis; pois que, desconfiados dos maus tratamentos, que sempre recebêram, embrenharam-se nos sertões, recusando trabalhar. A escravidão dos negros nem aproveita á civilisação dos indios, nem á sua propria, nem aos progressos da nossa industria; os danos que d'ahi resultam são desgraçadamente conhecidos, e só a cobiça poderá negar resultados que a intelligencia, ainda a menos perspicaz, percebe e calcula. Só a cobiça poderá combater com seus costumados sophismas os argumentos, que sobre tal objecto por tantas vezes se tem pu-

blicado. Deixaremos a tarefa de os refutar, a quem se ocupe especialmente d'esse assumpto; esperando também que pennas mais bem aparadas nos tracem algum plano, que mais aproveite à civilisação dos indígenas, e que nos forre ao perigo de introduzir no Brazil livre a raça africana, que temos escravizado com offensa da humanidade e retardamento da nossa agricultura; porque, como diz o economista hespanhol Bernardo Ward: — ella não medra onde o que trabalha não colhe, e o que colhe não goza do fructo de seu trabalho.

NOVO TRABALHO DO SOCIO SR. JOSE' SILVESTRE REBELLO

Em uma das nossas sessões anteriores foi tirado por sorte, e lido o programma seguinte:

« Se a introdução de africanos no Brazil serve de embarrasar a civilisação dos indios, cujo trabalho lhes foi dispensado pelo trabalho dos escravos. Neste caso, qual é o prejuizo da laboura brasileira entregue exclusivamente a escravos? »

Sobre este interessante assumpto já leu o nosso ilustre socio, o Sr. J. da C. Barbosa, uma memoria, na qual o programma está optimamente elucidado e demonstrado; contudo resolvi-me a dizer sobre o mesmo alguma cousa, ainda que ponco, não para patentear muitas novas ideias, mas sim e unicamente como um *post scriptum* à mesma optima Memoria.

A primeira idéa de fazer commercio de escravos na America foi suscitada por Christovam Colombo, que a descobriu, e a quem o mundo deve este grande serviço. Foi elle que no regresso da ~~segunda~~ Frota de S. Domingos para a Hespanha, em 1494, commandada por um tal Torres, propôz aos comerciantes de Sevilha, que, como objecto de commercio, achariam elles na cidade, estando nascendo, de Izabella, caralbres barbaros tomados prisioneiros em legitima guerra, e que seriam trocados por animaes e ferramentas importados da Europa, tendo em vista o mesmo Colombo, que os selvagens chegados à Europa seriam convertidos, baptizados, e postos em caminho da salvacão: e foi pela mesma Frota, que elle mandou quinhentos indios prisioneiros, para serem vendidos como escravos, e o seu valor servir para indemnizar o thesoure dos soberanos, das despezas ate ali feitas com a nova descoberta, e para pagar as quaes, ainda as já conhecidas minas de Cibão não tinham podido ser trabalhadas; e dove servir de desculpa ao mesmo grande homem as seguintes palavras do também celebrado Las-Casas: — Se os homens piedosos e sabios, cujos conselhos e instruções serviam de guia aos soberanos Elizabeth e Fernando, ignoravam a injustiça de um tal acto, ninguem se deve admirar de que o illiterato almirante não sentisse o choque conscientioso da sua impropriedade.

Na chegada da Frota a Sevilha vieram ordens da corte para se venderem os indios como escravos; contudo o piedoso coração de Elizabeth fez com que esta ordem fosse depois con-